

<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/escutas-de-raiz/>

## **Escutas de Raiz Coração: alianças afetivas e poéticas e(m) territórios e (a)travessias na vida e na arteterapia**

Luíza Câmara Maretto [1]

**RESUMO:** A presente escrita deseja realizar e oferecer uma pequena parte de uma travessia de aprendizado de “Escuta Raiz Coração”, feita através do percurso de estágio para a conclusão da formação em “Arteterapia e processos de criação”, (oferecida pela TRAÇOS - Estudos em Arteterapia, do Recife, em Pernambuco); em um ano de (a)travessia e habitação em aprendizado, no assentamento de reforma agrária - Projeto de Desenvolvimento Sustentável / PDS da Barra, da área de cobertura da Equipe de Saúde da Família ESF Dr. Luiz Carlos Raya, da cidade de Ribeirão Preto, no interior do estado de São Paulo. Escrever aqui pretendendo escutar e, como palavras (que) carregam imagens, provocar inspirações e dispositivos poéticos para o cultivo de territórios e(m) (a)travessia do fazer em arteterapia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escuta. Raiz. Arteterapia.

---

## **Heart-Rooted Listening: affective and poetic connections in/and territories in life and in art therapy crossing**

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to accomplish and provide a small part of a learning journey of a “Heart-Rooted Listening” done throughout the path between an internship in the land reform settlement - Sustainable Development Project / PDS da Barra, from area of work of Health Family Equip - ESF Dr. Luiz Carlos Raya, from Ribeirão Preto city, in the countryside of the state of São Paulo. and the conclusion of the education in “Art Therapy and Creation Processes” (offered by TRAÇOS – Studies in Art Therapy, from Recife, in Pernambuco). The writing’s intention is to listen and, as words (that) carry imagery, to spark inspiration and bring on poetical devices to nourishment of territories in/and the crossing of the making in art therapy.

**KEYWORDS:** Listening. Roots. Art therapy.

---

Tanta luta, tanta destruição / **paisagens originárias [2] do afeto** / para transformar / tamanha opressão.

Coração aberto / para sentir / e firmeza para inventar / outro estado de ser / outro lugar

*Vozes da Terra* nos contam histórias da origem... da vida, do planeta e da natureza que nasciam (e nascem), dos diferentes seres vivos que habitavam (e habitam) a terra, do ser chamado humano que surgiu (e ainda vive), de como a terra o abraçava (e abraça) e em teia todas pertenciam (e pertencem). De como essa relação foi sendo transformada, e memórias atravessadas, no percorrer dos tempos. De como histórias de disputas e violências começaram a ser narradas, em desrespeitos com a natureza, com os territórios, com os corpos das pessoas, com as relações entre os seres, com o sentir. Violências com os sentimentos em prol de um tipo de racionalidade, da separação entre a sensibilidade e corpo, uma desintegração. Um não diálogo e sons não mais escutados, uma surdez para a música de um Todo em composição. Desmatamentos, consumismo, asfaltos, individualismo... Florestas queimadas, monoculturas, muros e apartamentos. Rupturas ecológicas e culturais. Dessas histórias que precisam e desejam ser escutadas, vindas de *Vozes da Terra*. Uma necessidade de (re) aprender a escutar, de escutá-las, pois querem nos contar.... sobre a vida e como um determinado percurso de “desenvolvimento” rasga a terra e os laços que nos unem. Porém, *elas* nos lembram: “O Sagrado é o laço que une as partes ao todo (...)”.(Mies, Vandana, 1993, p. 134.) Mesmo que possamos ter esquecido do chão que pisamos e do sentido de lar, de casa. Assim, é desse desenraizamentos com a terra que falamos e vivemos nos tempos maiores de hoje, e de uma caminhada que nos chama para recordar e reconstruir essas raízes. Raízes de ligação com a Terra, o Todo, e também com nossas próprias histórias, nosso pertencimento em territórios que se atravessam. (Mies; Vandana, 1993.) Ao caminhar, marcamos passagem pelo chão, pela terra. Aqui, nessa escrita travessia, demarco uma caminhada e territórios de aprendizado de Escuta de Raiz (ou da raiz da escuta), caminhada de aprendizado de expressão de raiz (ou da raiz da expressão), através do fazer em Arteterapia.

Do caminho dos aprendizados de origem e de enraizar, de raiz... palavras que compõem imagens, fazem sentir... que assim possa ser. Abrir-se para uma escuta de composições.

Origens, recordações, fluxos de amor e criação primeiros, primordiais para a vida. Raízes dos ciclos, dos ritmos, do coração. É do chão para onde vamos nos alimentar e sustentar. De onde viemos e para onde vamos voltar.

Do chão se escuta e se brinca. Brincadeiras e Poeminhas em Língua de Brincar. *Da brincadeira do chão, língua de poesia. Da língua do chão, brincadeira de poesia* [3].

Do chão posso ver  
Do chão posso sentir  
Do chão posso brincar  
Do chão posso escutar

### **Territórios em travessia de arteterapia**

Das águas embaixo da terra, as imagens vêm.

*Para o interior da Terra, é preciso bússola, escuta.*

Nessa travessia que cultiva, enraíza e caminha, territórios em (a)travessia.

Entre o interior e o exterior, o coração. Ponte e rio, entre, o enlace, o que compartilha.

Coração que sente, cuida, escuta, une, expande, faz ligação, enraíza. Coração que sente, escuta e habita poeticamente a Casa, a Origem.

Assim, para dentro da terra vamos para (nos) plantar, e enraizar. Raízes que caminham nesse dentro, e que sentem caminho, pela escuta. Dessa caminhada aprendizado de escuta de raiz, caminhada de aprendizado de expressão de raiz. Para dentro da terra é que se vai para aprofundar, conectar, aliar, firmar, sustentar, alimentar, buscar água, sentir terra, assentar. Para assim, também, caminhar. Caminhada com pés no chão, dançando primitivo lugar de habitação!

Enquanto território de fazer e através mesmo de suas formas corpo de habitar Cuidado/Saúde e Arte, afirmo nesse caminho construído, que a arteterapia propõe reflorestar e recriar territórios

de pertencimento, territórios assentamentos, territórios em favor da vida, territórios de criação e de devir o que se é, ocupar a si mesmas (os) e compartilhando habitação de vida, com histórias, sentimentos, acontecimentos... Territórios Afetivos. Territórios de (re)criar laços, encontros, alianças entre as diferenças. *Alianças Afetivas* [4], que se alimentam da diversidade, como em beleza afirma essa expressão de palavras vinda da voz da liderança indígena brasileira, Ailton Krenak (2016). Territórios de histórias. Territórios existenciais. Territórios que cultivam o sonho, a imaginação, a poesia, a escuta sensível, ética, política. Territórios de imagem. Territórios criativos. Territórios autênticos de viver *Palavra-Alma* [5], nomeações poéticas assentadas, como anunciam tradições orais guaranis, narradas no livro “Tupã Tenondé(....)” [6]. Territórios de viver os atravessamentos poéticos, experimentar a travessia de poesia, o canal expressivo. Territórios que marcam, remarcam, criam, descrevem, morrem, nascem... linhas que seguem o percurso dos territórios que são costurados pelo Afeto, pelas *Alianças Afetivas*. Territórios de habitar outro tempo, tempo originário de coração, de sentir. A arteterapia, então, como território vivencial de Reflorestamento, de Reanimar a Terra, sentir e escutar sua pulsação. Agroflorestamento através do cuidado e da arte. (Re) existindo. Como instrumento de saúde, permitindo espaços de encontros coletivos ou/e individuais. Cuidado político do exercício de encontrar as imagens que nos atravessam e cultivar as que são de alimento para a vida, diversas e únicas em cada pessoa, território, cultura. Proporcionar experiência de sensibilidade e respiro poético no cuidado em saúde. Permitir passagem de transformações tanto materiais quanto psíquicas, possibilitando serem diferentes das formas de viver hegemônicas, impostas, opressoras, limitadoras.

Assim, a arteterapia vivencia junto, em partilha, territórios simbólicos e materiais, com a consciência ecológica de integração e, por isso, também, do cuidado “pessoal, coletivo e de todas as manifestações de vida a nosso redor.”(Philippini, 2008). Dessa maneira, torna-se uma função, um papel, um compromisso recriar e vivenciar territórios sagrados para o cultivo de raízes da Vida. Raízes que são simbólicas e invisíveis, e também materiais e expressivas.

A arteterapeuta Angela Philippini, nos fala desse lugar sagrado em seu livro “Para entender arteterapia: cartografias da coragem”:

Todas as culturas têm seus territórios sagrados, um espaço de proteção, calma e serenidade em que os indivíduos podem realizar seus ritos de conexão com aquele que concebem como divindade. Locais para renovar as forças, espaço para reverenciar, pedir proteção, inspiração, harmonia. Nesses territórios, reúnem-se símbolos que facilitam um processo de resgate de um chão original, uma verdadeira casa no sentido psíquico. O ‘setting’ da Arteterapia, com sua formação de laboratório de alquimista, recria nos tempos atuais, o tão necessário território sagrado. (Philippini, 2008, p. 43. Grifo nosso)

A construção dessa casa, simbólica e material, através do processo de criar, do cultivo desse processo, do cuidado com esse processo e através dele se torna território da arteterapia. “*A poética do espaço*”, título do livro de Gaston Bachelard, anuncia esse fazer, essa habitação de casa, em poesia. A poesia – a arte em si – produzem imagens que dizem de um sentir, que vem de um lugar que conta profundamente do que estamos vivendo, o que está nos atravessando, do que anda nos afetando. Assim, a poesia é como um compromisso com o que podemos aqui chamar poeticamente de *alma*, que faz parte dessa casa originária. Desses territórios compõem a arteterapia. Dessa forma, afirma-se que este território de cuidado e arte pode ser incorporado como uma prática de cartografia afetiva que mapeia e (re)inventa itinerários de travessia e habitação, através das imagens poéticas que vão sendo criadas e que nos atravessam pelo caminho. Linhas vão sendo mapeadas e tecidas, (re)tecidas, em travessia. Territórios de experimentação de movimentos e imagens, territórios em movimento e através de imagens. Assim, uma *cartografia* [7] rizomática que percorre essas linhas da vida, como os autores Deleuze, Guattari e Suely Rolnik propõem. *A vida como obra de arte*, já anunciava em expressões como estas, outros como Nietzsche e Foucault, sobre uma *estética da existência* [8]. Travessias atravessadas por diferentes encontros. Travessia, inclusive, da potência de criar encontros. E de criar e se guiar por imagens poéticas. No texto “Ser arteterapeuta, uma ação poética”, Ana Carmen Nogueira (2017) escreve sobre a poesia como um modo de viver: “Precisamos resgatar nossas sabedorias dos nadas. Precisamos de ações poéticas para nos trazer clamores escondidos.” (Nogueira, 2017, p. 48).

E o poeta Manoel de Barros nos inscreve com palavras para sentir:

[...] Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (*Manoel por Manoel*, Barros, 2008. p.11. grifos nossos)

A poesia incorporada como palavra-imagem da arte e do processo de criar vem como vivência essencial de um outro olhar, um avesso, uma perspectiva “oblíqua”, um dizer outro, não rotineiro e não em formas pré-estabelecidas. Que vem de uma origem, da potência em si de criar. E de uma conversa com as pedras, com o vento, da comunhão com as formigas. “Raízes crianceiras”, que podem brincar de *devir*. Não uma existência em comparação, ou competição. E sim, uma comunhão. Um imaginar, sonhar e recriar. Dessa comunicação por imagens, da Vida que pulsa e nos guia, fazendo matéria de nossos sentimentos, pensamentos. E atravessamentos de memórias de uma origem de invenção e sonho. Uma memória que é imaginação, e uma memória conectada com os ciclos, dos tempos. Uma sabedoria dos nadas de Manoel de Barros. Afinal, também, uma conversa entre natureza(s). Do *Devir Criativo* que conversa com qualquer outro, sem distinção, e através desse diálogo, também se cria. Uma expressão de si, de uma verdade poética que é liberdade e proteção, ao mesmo tempo. A arteterapeuta Nogueira fala das ações poéticas como maneira de estarmos no mundo e gerando descobrimentos, encontros, acontecimentos, experiências de corpo presente, que nos faz notar, reparar, afetar e ser afetado. E afirma que esses espaços de encontros de territórios poéticos seriam férteis e produtivos de biodiversidade, produção de ampliação de olhares e sentimentos! E de como a experiência da ação poética proposta pela e em arteterapia poderia trazer e experimentar, então, habitar as travessias com poesia, em sonhos, em imaginação...

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o

horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecedor as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que fomos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. (Krenak, 2019, p.33).

O território da arteterapia pode então ser imaginado e sentido como tempo-espaço para experimentação e vivência de uma ocupação poética dos espaços/territórios vivos, dessa “suspensão do céu”, ampliação poética da existência. Numa relação viva e em comunhão entre os territórios que habitamos, territórios que somos, territórios de outros seres vivos, o dentro e fora de nós, atravessados.

Assim, nesse percurso escrito, afirmo que a arteterapia procura construir territórios criados para viver e experimentar em liberdade e proteção, como *uma casa primeira de infância*, esse vir a ser, em processo constante de (re)invenção.

Para apagar o fogo das queimadas e desmatamentos,  
uma reação sentimental.

Para chover na floresta e ela ficar de pé.

Fazer circular **alianças afetivas** pelas veias dos rios.

Águas que carregam vida e fazem brotar

*(É o Amor e a Vida pedindo passagem, passando...a natureza crescendo, brotando,  
continuadamente.)*

(Me)revirando pelo avesso/ Até (re)encontrar meu próprio começo/ de onde vem/ os ciclos/ as estações/ e as inspirações / de todos os dias / novos e velhos passos / em poesia / tropeços/ beleza / caos / e composições / que refazem os laços / do tempo/ das raízes / dos sonhos / da dança / da voz / do som / dos primeiros compassos.

O chão, a terra é base para o plantar. Chão Casa. Origem de habitação.

Podemos aprender a escutar essa base, as vozes que vem da terra, do chão, sua pulsação. Podemos aprender a sentir, ver, escutar outras vozes que não somente a dos seres humanos, e podemos aprender a escutar os ritmos da terra, sentir pelas águas, saber das histórias que vivem e contam as árvores ou o que os pássaros tem a nos cantar... Diferentes seres, vida que pulsa em todos. Ritmos e tempos diversos. Os mitos de povos que têm uma passagem e moradia mais antiga nos territórios, chamados de *originários* (ou muitas vezes, de *indígenas*), por exemplo, narram (por) essas diferentes vozes, e nos fazem sentir e viver histórias juntas(os), habitar juntas(os), através dessas histórias, ter experiências sensíveis com. Esses mitos contam de uma memória de relação primordial, primitiva: quando enquanto seres humanos nascemos de uma árvore e de seu desague, quando de dentro da terra os seres humanos nascem em sua diversidade e agrupamentos. Ou quando o trovão pode nos atravessar e criar nossos sons, das nossas próprias vozes. Por aí podemos ir sentindo de uma outra perspectiva, uma vivência entrelaçada, entre os seres... Como a água está sendo tratada em certo território age diretamente em como vivemos, sentimos, por exemplo, como fluímos. E se a terra está abafada por debaixo do asfalto, isso também nos conta de nossa respiração, juntas, em territórios que são vivos e respiram. Escutar também as histórias de habitação do chão que pisamos, as pessoas que moram nele, como viviam, vivem e cultivam vida. Podemos vivenciar uma escuta mais sensível e afinada através de nós, entre os seres humanos, também. Por exemplo, quando vejo uma criança calada por ter sido violentada, e posso sentir sua dor. Ou quando vejo as crianças brincando e sinto sua alegria e liberdade de estar. Mais, ainda, apesar de não estar perto de uma floresta queimando, sinto que ela arde e choro sua morte. Fazendo parte de mim, de nós. Sentir também uma cachoeira que cai bonita e forte, um fluxo que transborda. Ou passarinhos que cantam de manhã saudando o sol, sons de acordar. Ou quando tomamos um chá de uma planta que nos alivia o estômago, e está dentro de nós, com sua sabedoria e cuidado.

Quando deixamos de ver a natureza como recurso a ser explorado, aprendemos a sentir como sendo *pArte* dela, e a perceber que esse Todo está entrelaçado em nossas vidas, precisamos dele e

ele precisa da gente também, e que nossa atuação produz um efeito coletivo e transformador, em cada ação, pois nos compomos. Territórios e corpos entrelaçados, afetivamente. Pertencer e cuidar estão intimamente relacionados. Esse sentimento de pertencimento tem potência de nos fazer reflorestar, desejar reflorestar...cultivar, cuidar. Cuidar de nosso corpo, nossos corpos. Produzindo uma *saúde* que podemos chamar, *única*, de todo o organismo da Terra, que nós fazemos parte. Como nosso corpo se encontra é saúde. Como habitamos é também saúde. Como se encontra o território, que é vivo, é também saúde. Como habitamos os territórios que somos e vivemos, é saúde. Saúde Única. Esse fazer *pArte*, essa União traz uma força de preenchimento, de completude, de integração, de potência, de Afeto, de Amor. Fazer *pArte* de afetar e ser afetado, que tem potência de nos fazer importar com o que acontece entre, com. Com o território que somos, com o que habitamos, com o território que é nossa casa.

Quando eu vou a um riacho, a uma fonte, a uma nascente e sinto beleza e fico comovido com a água que está naquela fonte, naquela nascente, eu estabeleço uma relação com ela, converso com ela, eu me lavo nela, bebo aquela água e crio uma comunicação com aquela entidade água que, para mim, é uma dádiva maravilhosa, que me conecta com outras possibilidades de relação com as pedras, com as montanhas, com as florestas (...). As relações não são percebidas como potência que ocorre só entre pessoas, no sentido comum em que nós entendemos as pessoas, as relações humanas, as relações sociais. Elas são alianças com muitas outras potências que estão dadas, que são possíveis. O raio, a chuva, o vento, o sol, a brisa, as paisagens. Aliança é troca com todas as possibilidades, sem nenhuma limitação. (Krenak, 2016, p.172, grifo nosso).

Assim, no caminho de desenraizamento provocado pelas histórias de violência com a Terra e com os seres vivos, busca-se, como já dito, cultivar essas alianças criativas e afetivas. Afinal, raiz é vínculo, vínculo é afeto, raiz é afeto. *Alianças Afetivas* e *Pertencimento*. Raízes afetivas. Raízes do coração pessoal e coletivo. De habitar nossa casa coração corpo, nossa *casa-corção coletiva*, a (própria) Terra. Habitação poética do espaço, dos territórios, das casas, das moradias é ***Paisagem Originária e Arte do Encontro***. Reflorestamento, reconstrução, recriação de vínculos, reocupação poética, reabilitação dos territórios, da Casa Comum Terra – cuidando das diferentes casas e territórios que somos. Pois cada habitação um caminho, passos diferentes. Dessa forma, a recriação de raízes demanda escutar histórias de ocupações através de imagens poéticas e

sensíveis, as imagens de ocupação que contam as histórias. Escutar histórias (e elas em si) faz nos vincular, criar laços. Escutar as Vozes da Terra que contam o percurso dos pés no chão e, assim, sentir o chão que pisamos e o que podemos contribuir, construir, através desse chão, a partir desse chão. Com o que ele tem de rastros, olhares, sentidos, sons. Firmando nossos pés nessa caminhada de presença. Presenciar, também é reflorestar. A vida pede passagem, por entre fios que se entrelaçam, reconectam, retecem, e recriam o fluxo, através do afeto, do amor, do sentir, desse *tempo-espaco do coração*. Uma reação sentimental e fluida. Uma firmeza de pisar e sentir os pés no chão e escutar histórias (de opressões, de resistências, de afeto), colocá-las no peito e compartilhá-las. O Amor e a Vida pedindo passagem, passando... a natureza crescendo, brotando, continuamente. A arte permite essa passagem da vida e do sentir, de expressão, de fiar com, de confiar com a natureza. Então aqui é com ela que o cuidado se faz, nesse território em arteterapia. Processo criativo de enraizar, caminhar dentro da Terra. *Poesia Afetiva de Travessia de Raiz*.

Nesse tempo onde a imaginação existe, o diálogo criativo entre os seres é possível, nesse território vivido de Poesia é possível o encontro e as *Alianças Afetivas* entre os diferentes seres, visíveis e invisíveis, gente e bicho. Em territórios habitados da e pela Arte, do e pelo Afeto, do e pelo Encontro é possível reinventar realidades, sonhar e (re)criar novas perspectivas e reflorestamentos para a Vida. Desses territórios de afeto e imaginação são possíveis os encontros. Territórios sonhados, imaginados, (re)criados. Territórios que cultivam o sonho, a imaginação, a poesia, e escuta sensível, o encontro. *Canções de ninar... cultivos de jardim, quintal, floresta*. Desses territórios da imaginação, possíveis de escutar dentro.

Eram jardins. São jardins. Era cachoeira. É cachoeira.  
IMAGINA SÓ / PODER / SABER / DE DENTRO / SÓ DE IMAGINAR.

### **Escuta (de) raiz coração**

O médico usa o estetoscópio para escutar dentro e cuidar, instrumento usado para ampliar os sons de dentro. Para percorrer esses encontros e cultivos poéticos, e territórios sagrados da

arteterapia, afirmamos, a *Escuta* vem como *ferramenta primordial* (compondo com a habitação em território de *casa original*). Uma escuta primeira, uma escuta de um outro lugar, que escuta diferente, com cuidado, escuta decolonial, não impositiva, de outra perspectiva, sensível, sonhada, criativa, em relação, uma escuta originária. Escuta de chão, escuta da terra. Escuta que precisa ir mata dentro, chão a dentro, mergulhar e escutar dentro da terra. Escuta (de) raiz. Raiz de Escuta. Como? Por onde? *Escuta que se faz pelo coração, pelo afeto*. Escuta que sente, incorpora, integra sentir e pensar, um pensar de coração. Escuta de histórias, de caminhos feitos. Assim, pela sensibilidade, também uma escuta crítica, histórica e política de Vozes da Terra e suas travessias, muitas vezes de luta, de transformações, de violências, de mortes e de reflorestamentos. Muitas outras de alegrias, prazeres, nascimento e (re) criações. Escuta do que importa, tem sentido, sente-se. Escuta que importa, sente, marca sentido. É preciso exercitar essa escuta. A Arte, como dissemos, guia nessa escuta, nesse exercício, pelo sentir. *Escuta afetiva* de diferentes imagens e sons, de diferentes territórios e peles que nos atravessam, que trocamos, que sentimos. Nesta escuta de tempo onde gente fala e escuta gente, gente que fala e escuta bicho, bicho que fala e escuta planta, planta que fala e escuta gente... escutamos o território vivo e como estamos vinculados a ele, relacionados, entrelaçados em peles que se sentem, tocam-se, e se atravessam, escutam-se. *Escuta habitada de silêncio e poesia*, para saber o que dizem as plantas, os bichos, a natureza, os seres. E assim, aprender/experimentar novas formas de escutar. Escuta através das imagens poéticas, que dizem o que a pessoa sente e vive, em sua raiz. Escuta habitada de histórias, memórias, afetos, raízes de tempos vividos. Escuta dos territórios que nos atravessam e que compõem a terra, escuta dos atravessamentos dos diferentes territórios que habitamos e somos habitados. E escuta das *paisagens de origem de alianças afetivas* entre os seres, a natureza, a terra. E de nossas próprias histórias, imagens, marcas e paisagens originárias, que firmam raízes para a caminhada. Escuta da própria memória raiz, dos territórios que compõem a terra e suas histórias. Desse encontro entre os seres vivos e a natureza que sustentam e acompanham nesse caminho de escuta de dentro da terra. Através desse entrelaçamento afetivo que nos acompanha nessa travessia de raiz, essa integração, essa composição.

Assim, nesse processo de enraizamento, vamos aprendendo a escutar o entrelaçamento rizomático que vivemos e cuidamos...das peles, das casas, das paisagens e territórios que somos.

Interligados. Na *Teia da Vida* [9], uma possível *ecologia do amor* para sentir e afirmar. Uma escuta que, ao escutar, compartilha, permite deixar se afetar e afetar. Uma *aliança afetiva* que se (re)cria com essa abertura de escuta. Uma *ecologia do afeto*. De pertencer à natureza, à um povo, à um território, devir *autêntico*, por habitar um lugar singular, com diferentes histórias e vivências. Que fortalece e demarca a escuta da raiz. Dessa forma, firmar lugares de escuta e lugares de fala/expressão. Raízes que firmam essa travessia.

Assim, escuta raiz que permite a troca, que abre passagem para (re)criar alianças e vínculos, e possibilidades variadas de *estar com*, de se diferenciar, de (se) criar pelo encontro com os diferentes seres. De preservar as diferenças e as cultivar, ou justamente, preservar *ao* cultivá-las. Cuidar.

### **Cuidado e cultivo**

Cultivo e cuidado são necessários todos os dias. E de algumas histórias contadas por Vozes da Terra, escutamos que nossa Origem de habitação da Terra enquanto seres humanos foi, primeiro, a caminhada, o nomadismo. E, depois, enquanto humanidade, aprendemos o cultivo, a agricultura, o que chamam de sedentarismo. Podemos reconhecer, então, em nossa história de habitação as imagens de “caminhada e casa”. Imagens dispositivos para dizer possivelmente sobre o que somos: seres caminhantes que falam, expressam, escutam, cultivam, caminham. Territórios que caminham e dizem. Territórios de expressão. Em travessia de atravessamentos sensíveis e de criação de *pertencimentos*, em territórios que moramos, cultivamos, corpo que tem movimento, som, encontros e vínculos. Territórios que pertencem escutando o todo e também oferecendo a diferença expressa para a composição, diversos sons. Assim, como já afirmamos, as diferentes formas que habitamos são cuidado e saúde. Como habitamos individual e coletivamente - não em separação, mas em contato - como corpos com diferentes peles de subjetividades, culturas, moradias, no campo, na cidade, nos estados, países, continentes, planeta. Um Planeta. Em Presença de habitação, nesse cultivo de presença, precisamos de raízes para poder caminhar nos territórios. Raízes que são a própria diversidade. Atravessadoras(es), seres em travessia. Assim,

cultivar casa e caminhada, parece algo que a Terra nos diz, se escutarmos sua(s) Voz(es). E fazer dessa Travessia, Poesia, uma caminhada Origem de Habitação, para *ser* e *estar com*. Cultivando, todos os dias, cuidando e criando, todos os dias. Aqui, portanto, um cultivo feito em território de arteterapia amplia o tempo, cria espaços de ocupação com possibilidades de, não algo já modelado e requisitado, mas (re)criados, constantemente. Vivenciar tempos sensíveis que a poesia traz, por exemplo, para experimentar outros espaços, em roda da criação que gira todos os dias. A sensibilidade, a escuta sensível, a ocupação sensível, a expressividade, a beleza, o cuidado com a beleza e com o que está vivo, com a vida, o espaço de encontro, as alianças, as construções coletivas e singulares, a presença, a abertura... diferentes vivências que importam para o cuidado. Habitar e integrar o tempo em travessia criativa.

“O ser humano é aquela porção de terra que começou a sentir, pensar, amar e cuidar” (2019), afirma o escritor Leonardo Boff. Assim, podemos reafirmar que nesse cultivo e nessa caminhada de habitação de territórios existenciais, o Afeto nos guia junto com a poesia. O afeto que cuida, que é cuidado, cultiva e é cultivado, aliança de cotidiano, de amar e cuidar. *Quem ama, cuida* – alguns podem afirmar. Cuidado, amor, cultivo, todos os dias.

### **(A) travessia afetiva raiz de poesia**

Assim, os territórios da arteterapia têm diversas fronteiras, limites, construções. Muitas cartografias, diferentes passos e caminhadas criativas. Um rizoma de conexões de pertencimento, interligando e habitando territórios poéticos, éticos, políticos, históricos, de cultivo, criativos. A arteterapia então como esse território caminhante, como fazer (em) cartografia: de criação de imagens bússola para o itinerário raiz, das *Paisagens Originárias*, da Vida, do Amor e da criatividade/poesia enquanto potência de atravessamento. Um território em travessia e de (re)encontro dos tempos. Pois sim, para o Interior da Terra, é preciso bússola. E escuta. Arteterapia território bússola, cartografia.

Nesse território de caminhada de enraizamento, de raiz, arteterapia então como *útero da terra* que permite vivenciar as *travessias de raiz de poesia*. Caminhando, como já deixamos rastros escritos aqui, poeticamente, habitando poeticamente em busca de alimento, água e sustentação. Um território de afeto e amor, de *coração que escuta\_caminhada*, caminho – cartografias em habitação e escutas. *Útero-coração de terra*. Nessa Travessia que vem de algum lugar, encontra, ocupa, habita uma casa poética, onde cultiva-se encontro, afeto, criação. Nessa caminhada de assentamento de *palavra-alma* poética, onde cultivam-se raízes que (re)criam, (re)conectam territórios e seres autênticos através da Origem, de lugares imemoriais, ou de memória antiga de sonho, mítica, de encontro entre realidade e imaginação, dos encontros entre os seres (como bem anunciam e alimentam as narrativas a partir da cosmovisão de povos originários habitantes dessa Terra, que nos vem ensinar e compartilhar). Território de casa da origem da poesia, uma casa intimidade, uma casa Afeto. *Casa primeira da alegria, da brincadeira*. Brincadeira de curiosidade, de experimentar invenções, de rir enquanto alinhava as imagens, da espontaneidade no fluxo, de seguir imagens no tempo de brincar, em comunhão, poética. Brincadeira gostosa do dia a dia. “Poeminha em língua de brincar”, inspira o nome do livro de Manoel de Barros. Ou ainda, “Rir junto é melhor que falar a mesma língua. Ou talvez o riso seja uma língua anterior que fomos perdendo à medida que o mundo foi deixando de ser nosso”, ilumina o escritor Mia Couto [10]. Assim, brincadeira e alegria também como territórios origem/raiz do criar. Assim, nesse cultivo arteterapêutico, vamos habitando essas casas e a nossa própria história, dando corpo e ocupando, incorporando as histórias, seus movimentos, suas expressões. Habitando a raiz, as memórias de cuidado, amor, os aprendizados primordiais da vida, *onde mora o tempo*. Dessas raízes que nos habitam. Nessa escuta que cuida através do *sentir*, lugar primitivo, casa do coração, habitação primeira do Afeto. Do lugar que estamos e somos. O coração está no centro, no meio do caminho, e é casa-travessia, nesse ciclo expressivo de Ser.

Chego então, novamente às afirmações de assentamento e enraizamento, à demarcação dessa escrita, nesse momento do percurso com outros e também repetições de preenchimentos: *Travessia de Raiz de Poesia* da vida, como território caminhante em arteterapia. A “raiz crianciera” como casa de brincadeira e alegria para criar e compartilhar. O Afeto como linha que entrelaça essa caminhada dos tempos e lugares, o que une, essa matéria que percorre também a

arteterapia. A *Escuta* como ferramenta de cuidado criativo, de deixar atravessar. *(A)travessia Afetiva de Poesia*. Cartografia sentimental poética, ética e política. Um necessário cultivo de travessias e territórios de Escuta de Raiz do Coração. De aprender a cultivar esses territórios. De cultivar.

De escutar raízes da terra, raízes do coração. Escutar e habitar tempo do coração. Escutar e se envolver com as Encantarias da Terra, da Natureza... Escutar as histórias, as paisagens originárias do Amor...

Espero poder contribuir com uma pequena *pArte* dessa habitação em poesia, oferecendo imagens de alimento de enraizamento, de raízes. *De Paisagens Originárias em (A)Travessia de Poesia*.

Assim, *o meu coração (te) escuta*. O coração que cuida, cultiva, alia e enraiza. Habita em poesia. Coração em ritmo de batida, pausa, batida, repouso, batida, pausa, batida, repouso...

### ESCUTA

O Dentro do Vento, o que diz?

Pra ser aprendiz.

O Dentro da Árvore, o que diz?

Pra confiar no tempo e dançar diretriz.

E o Dentro da Terra, o que diz?

Pra si plantar e criar raiz.

### Bibliografia

AATESP. Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. **Revista de Arteterapia da AATESP.** vol. 6, n. 1, 2015.

\_\_\_\_\_. **Revista de Arteterapia da AATESP. VII Fórum Paulista de Arteterapia.** V.8, n 1, 2017.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes. 2008.

BAGNO, Marcos. **As memórias de Eugênia.** Curitiba: Positivo, 2011.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa.** Ed. Leya. 2010. 493 p.

\_\_\_\_\_. **Memórias Inventadas. As infâncias de Manoel de Barros.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2008.

\_\_\_\_\_. **Poeminha em Língua de brincar.** Rio de Janeiro: Record. 2007.

BASSOLS-BARRERA, Narciso; TOLEDO, M. Vitor. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais.** Trad. Rosa L. Peralta. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 272 p.

BOFF, LEONARDO. **“A Amazônia: Bem Comum da Terra e da Humanidade.”** In: Site Carta Maior – o Portal da Esquerda. (05/09/2019). Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Mae-Terra/A-Amazonia-Bem-Comum-da-Terra-e-da-Humanidade/3/45176>

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta.** 1. ed.; Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013, 48p.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Editora Cultrix.

CESARINO, Pedro. **As alianças afetivas, entrevista com Ailton Krenak.** 2016. Vista da instalação na 32ª Bienal. Bené Fonteles, *Agora: OcaTaperaTerreiro*, 2016.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 206 p.

\_\_\_\_\_. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 262p.

FILHO, Pamplona Rodolfo. **Reforma Agrária do Coração (poesia)** Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/poesias>

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

\_\_\_\_\_. **Bocas do Tempo**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 edição. Campinas: Papirus, 2012.

JECUPÉ, Werá Kaka. **Tupã Tenondé: A criação do Universo, da Terra, do Homem segundo a tradição oral Guarani**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras. 2019

MARETTO, Luiza. DOMINGUES, Renata. (org.) **Cineclube Saúde e Cultura do Campo: encontros entre cultura, política, arte e saúde**. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

MIES, Maria. VANDANA, Shiva. **Ecofeminismo**. Lisboa: Instituto Piaget. 1993.

MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses. Conversa sobre a origem da cultura Brasileira**. São Paulo: Angra LTDA. 2000.

\_\_\_\_\_. **Outras Tantas Histórias Indígenas de Origem das Coisas e do Universo**. São Paulo: Global Editora. 2008.

\_\_\_\_\_. **A Primeira Estrela que Vejo é a Estrela do meu Desejo e Outras Histórias Indígenas de Amor**. São Paulo: Global Editora. 2009.

\_\_\_\_\_. **Sabedoria das Águas**. São Paulo: Global Editora. 2004.

PHILIPPINI, Angela. **Para entender arteterapia: cartografias da Coragem**. 4.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

\_\_\_\_\_. **Grupos em Arteterapia. Redes Criativas para Colorir Vidas**. Rio de Janeiro: EAK Editora, 2011.

SECRETARIA CONTINENTAL DE LA ARTICULACIÓN DE LUCHAS CONTRA LA MINERÍA Y POR LA SOBERANIA POPULAR. **Cartilha Encuentro Continental contra la minería y por la soberania popular**. Mataquescuintla, Jalapa, Guatemala, 2016.

*Recebido em: 20/03/2021*

*Aceito em: 15/04/2021*

[1] Arteterapeuta (TRAÇOS/PE), Psicóloga (Unesp/Assis), Poeta (Em experimentação), Especialista em Saúde da Família (RMISF/UPE), Especialista em Educação Permanente em Saúde em Movimento (UFRGS). E-mail: lumaretto2@gmail.com

[2] “*Paisagem Originária*” é expressão inspiração-dispositivo de toda essa travessia, e veio a partir do título do trabalho realizado pelo artista Daniel Caballero, nas paredes da quadra da instituição SESI, na cidade de Ribeirão Preto, durante o ano de 2019. O artista visual pintou uma paisagem imaginada de antes do surgimento da cidade e provocou, dentre diferentes questões: “O que seria uma paisagem originária?”. Essa imagem me atravessou de sentidos, acompanhou e ainda caminha como base desse território de escuta raiz de coração e poesia. Movimenta em profundidade de percurso e em outras ampliações passadas, presentes e futuras.

[3] Inspiração poética e vivencial através do livro: BARROS, M. **Poeminha em Língua de brincar**. Rio de Janeiro: Record. 2007.

[4] A expressão “Alianças afetivas” é referência, inspiração e dispositivo vinda do texto/entrevista com Ailton Krenak. CESARINO, Pedro. **As alianças afetivas, entrevista com Ailton Krenak**. 2016. Vista da instalação na 32ª Bienal. Bené Fonteles, *Agora: OcaTaperaterreiro*, 2016. Em todo o texto será marcada em itálico, para diferenciar e deixar na vista sua importância para essa composição e como referência vinda de um outro caminho já demarcado e construído por outras vozes.

[5] “*Palavra-alma*”, é expressão de inspiração e alimento, tida como referência de percurso e lida no livro que transcreve narrativas orais de um povo guarani: JECUPÉ, Werá Kaka. **Tupã Tenondé: A criação do Universo, da Terra, do Homem segundo a tradição oral Guarani**. São Paulo: Peirópolis, 2001. Em todo o texto será marcada em itálico, para diferenciar e deixar na vista sua importância para essa composição e como referência vinda de um outro caminho já demarcado e construído por outras vozes. Não terá uma profundidade de uso “conceitual”, mas como imagem dispositivo poético.

[6] “Quando nasce uma criança, diz-se: ‘Dar assento a uma palavra-alma’”. “(...) desdobramento do Grande Som: tupy, o ser humano, palavra-alma. Inúmeros nomes serão criados. Cada nome é um lume de vida. Cada vida será semente para a Terra. Cada semente possui um tom próprio (...). Um nome é uma palavra-alma” (JECUPÉ, 2001, p. 90 e 91.) JECUPÉ, Werá Kaka. **Tupã Tenondé: A criação do Universo, da Terra, do Homem segundo a tradição oral Guarani**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

[7] Diferentes composições são feitas com a construção da “Cartografia”. Sem querer abarcá-las todas, segue uma referência deste uso feito aqui: ROLNIK, SUELY. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2014. 247. Coleção Cartografias.

[8] “A vida como obra de arte”, “Estética da Existência” – expressões inspirações poéticas vindo dos estudos dos autores citados. Usados aqui não com profundidade “conceitual”, mas sim como dispositivos poéticos, de palavras-imagens.

[9] De uma compreensão e sentidos ecológicos vem essa referência dispositivo que alimentou aqui outros desdobramentos. CAPRA, Fritjof. **A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Editora Cultrix.

[10] Frase retirada da página oficial de Mia Couto em: <https://www.facebook.com/miacoutooficial/photos/rir-junto-%C3%A9-melhor-que-falar-a-mesma-l%C3%ADngua-ou-talvez-o-riso-seja-uma-l%C3%ADngua-ant/1014159421964441/>